

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Minha expectativa é que nos encontramos no limiar de uma nova consciência. Se o último século foi o da intervenção nos recônditos espaços da natureza, o que se inicia abre o cenário da intervenção nos segredos de vida. Se constatamos, com, pesar que a ciência e a tecnologia incorreram em desvios de cujas conseqüências a humanidade jamais poderá se esquecer, a possibilidade de manipulação dos códigos da vida pode trazer conseqüências ainda mais assustadoras e para alguns até mesmo fatais. Conscientes disso, diversos grupos sociais (...) fazem ouvir seus alertas de que assim como está indo não pode continuar. A meu ver, estas vozes são sinais do emergir de uma nova consciência de que é preciso fazer algo. (PEDRO GOERGEN).

Nosso trabalho é uma tentativa de fazer algo para salvar o Planeta Terra, na escola.

A modernidade teve início com o desvendamento dos segredos da natureza e com a substituição de uma cultura teocêntrica e metafísica, dependente da verdade revelada e da autoridade da Igreja (católica), por uma cultura antropocêntrica e secular. No decurso do século XX, porém, a modernidade, ao revelar tão claramente suas contradições, passou a ser foco de uma reflexão crítica crescente por alguns segmentos da sociedade, pois os benefícios e as seguranças assumidas como sendo o grande motivo de seu estabelecimento, transformaram-se em assuntos de dúvida, e a vontade consensual de que ela se concretizasse, passou a ser tema de questionamento e crítica à medida que se dissipou a fé na doutrina do progresso.

Surge, então, a pós-modernidade que, por um lado, representa uma crítica contundente ao projeto moderno naquilo que o sustenta, ou seja, a conquista do progresso por meio da instrumentalização da razão, colocando sob suspeita a ambição política da construção de um ser humano melhor e uma sociedade mais justa. Por outro lado, representa uma louvável abertura para a multiplicidade das vozes culturais espalhadas pelo planeta, não raro emudecidas ou sufocadas pela suposta superioridade da voz que parte do interior da cultura iluminista.

O conforto material, o acesso às informações e a praticidade, são conquistas inegáveis da modernidade que, de diferentes proporções e maneiras, muitos têm usufruído. Porém, outros tantos ainda não usufruem dos direitos mínimos de comer e morar, cuidar dignamente da saúde e proporcionar aos filhos educação formal de qualidade. Além disso, ao ser utilizado como

matéria-prima destas conquistas, o planeta Terra, com seus múltiplos e diversos elementos e fenômenos, passou a ser esgotado, pouco a pouco, em suas reservas naturais.

Existe, portanto, um paradoxo metodológico no agir humano que estimulou os fundamentos deste trabalho ora concluído por nós: a voracidade na maneira de erguer uma sociedade sem males, poderá ser o mal que destruirá esta mesma sociedade. Em outras palavras, para transformar a Terra no *locus* de uma humanidade livre das doenças, das trevas da ignorância e das crenças alienantes, o ser humano lançou mão de métodos que, a longo prazo, trouxeram dias de privação, violência, sofrimento e dor, não apenas aos seres humanos, mas a todos os seres vivos.

Fala-se, então, mais do que nunca, na crise ambiental aliada à crise social do planeta. Quantos organismos, governamentais ou não, legislações, trabalhos comunitários, obras literárias, trabalhos acadêmicos, têm se dedicado a debater, mostrar as contradições e sugerir medidas que minimizem esta crise. Quantos esforços nos âmbitos social e ambiental têm sido edificados na luta pela realização do sonho de vivermos dias melhores e mais justos neste chão.

Porém, as perspectivas não são otimistas. Diariamente, temos informações de dados que nos colocam diante de uma realidade assustadora. Assustadora por apresentar imagens e números alarmantes, e, ao mesmo tempo, por mostrar que o tal criador do progresso, mesmo se vendo vítima de sua criação, ainda insiste em continuar.

É aí que entra em cena um espaço especial, importante por suas atribuições, pelo público que acolhe, e que, dentre outros, tem potencialidade para ser o elo rompido da corrente, aquele que, por se permitir quebrar, poderá ser o responsável por novos tempos: a escola.

Todos nós guardamos na memória momentos ímpares de nossa vida escolar. Os anos escolares iniciantes, tão significativos na saudade e na formação de visões, valores e arquétipos que até hoje povoam nosso imaginário; depois, aqueles que coincidem com a chegada da adolescência, momento da busca pela auto-afirmação, de nos reconhecermos nos colegas, de deixarmos extrapolar sentimentos às vezes guardados desde a infância, de rir e chorar por “nada”, de sermos apresentados ao “primeiro amor”; a eles se seguem os tempos da graduação, a “época de estudante”, como muitos sintetizam, quando, via de regra, somos tomados pelo encantamento das leituras que nos seduzem, aliadas às novas amizades, agora maduras, com as quais compartilhamos sonhos, ideologias, segredos, caminhos.

Como pano de fundo de tudo isso, estão os mestres. Por mais que a estrutura escolar dependa de tantos outros profissionais para acontecer a contento, os mestres não passam, simplesmente, como os demais: eles marcam. Pela profundidade com que atingem nossa emoção e dela fazem terreno fértil à sementeira de nosso amor próprio, ou pela dureza das palavras e atitudes que nos deixam confusos sobre nós mesmos, ou, ainda, pela indiferença, eles marcam.

As escolas de todo o mundo, por meio da ação dos mestres nelas atuantes, foram convidadas, a partir da década de 1970, a colaborar no esforço coletivo de construir uma consciência nova entre os seres humanos, que pudesse motivar condutas conservacionistas e preservacionistas em seu relacionamento com o ambiente, até então espoliado sem limites por uma outra (in)consciência cega, inconsequente e egocêntrica. Foi o momento do parar para olhar o estrago, para pensar nas causas que nos levaram a este momento, para correr atrás de caminhos alternativos possíveis. A ciência, dom valioso conquistado pelo ser humano e instrumento que colaborou na edificação da barbárie modernista, também é conclamada a participar do mutirão.

Às escolas, como a outros espaços sociais, é repassada a tarefa mais difícil: tocar a retina de crianças e jovens, adultos do amanhã, para que um novo olhar, e conseqüente agir, fosse edificado, salvando definitivamente a Terra. O nome da tarefa? Educação Ambiental. Muitos se reuniram, pensaram, escreveram, registraram, gravaram, prepararam material, orientaram e repassaram a tarefa a cada educador do planeta. Uma nobre missão que, por vários motivos, se perdeu ao longo do caminho e/ou no contexto da própria escola, foi confundida, e não tem alcançado os objetivos propostos.

Na verdade, a mesma (in)consciência que criou o caos, também estabeleceu as regras sociais, dentre elas o funcionamento da escola com todas as dimensões que a compõem, para que a lógica da construção da sociedade perfeita fosse mantida por todos, conscientemente ou não. Assim, a educação formal, definida por meio de políticas públicas¹, tem sido, ao longo do tempo, alvo de atenção e vigilância, e os professores, atores diretos do processo educacional, pessoas estrategicamente acompanhadas para que cumpram seu papel.

Foi assim que, no Brasil, muitos professores, dentre outros pensadores, tiveram sua liberdade de expressão vigiada por poderes que tudo fizeram para manter esta lógica, em outros

¹ A influência das políticas públicas no processo educacional (ambiental, inclusive) é um assunto que merece aprofundamento, sobretudo a partir da ideologia neo-liberal, para a qual a educação deve ser medida por avaliações quantitativas constantes. Sugerimos, pois, que pesquisas sejam realizadas no sentido de proporcionar aos educadores informações mais claras desta influência e de como se pode construir pedagogias de cunho qualitativo, apesar de sua existência.

momentos de nossa História. No contexto do regime militar, seria pretensão querer que a Educação Ambiental, como que resguardada numa ilha ideológica, tivesse sido poupada de consequências estruturais e metodológicas. Ao contrário, ela foi brutalmente atingida em seus princípios fundadores, passando a ter um caráter estritamente informativo, cujos temas se limitam ao aprofundamento daquilo que alguns desdobramentos da ciência (botânica, zoologia, geografia, ecologia) têm pesquisado.

Chegamos ao século XXI e, lamentavelmente, a retina de nossas crianças e jovens não foi tocada. Portanto, a visão profunda do mundo como um organismo vivo, dependente da atuação de cada ser nele existente, pouco avançou desde o surgimento da Educação Ambiental. Assim sendo, também não avançamos na mudança de atitudes, de prioridades, de condutas individuais e sociais, não conseguimos atribuir valores diferentes às coisas e aos acontecimentos cotidianos. Enquanto o mundo muda radicalmente à nossa volta, continuamos adormecidos para o auto-conhecimento, e as raízes epistêmicas da crise permanecem intocadas, desconhecidas, ignoradas.

Por tudo isso, a Educação Ambiental sintonizada com os princípios originais norteadores de sua prática, ou seja, que enfatiza a construção de valores, não tem acontecido nos anos iniciais do Ensino Fundamental, universo de nossa pesquisa. Perguntados se praticam a Educação Ambiental, grande parte dos professores afirma que sim, comportamento que se repete em todo o Brasil, como mostram as pesquisas. E o pior de tudo: eles realmente acreditam nisso, fato que mostra que os equívocos em relação à Educação Ambiental, entre os professores, têm início em sua própria concepção.

Leituras sobre fauna e flora, solo, recursos naturais; comemoração do dia da árvore, do início da primavera, do dia mundial do meio ambiente; músicas de mídia que retratam a natureza sem estimular a reflexão; gincanas para recolhimento de lixo reciclável; limpeza do pátio da escola após o recreio; campanhas para que não se jogue papel e ponta de lápis no chão da sala de aula: estas são algumas das atividades que sintetizam a idéia de Educação Ambiental por parte dos professores, que, por exigência curricular, priorizam as operações matemáticas, o ensinamento da escrita e da leitura. Além disso, acompanhando a unidirecionalidade da linguagem racional imposta ao ensino formal, também a Educação Ambiental é trabalhada sem a diversidade de linguagens necessária ao pleno desenvolvimento das múltiplas inteligências apresentadas naturalmente pelas crianças. E o planeta segue, destruído pelos adultos que um dia conheceram esta Educação Ambiental.

Por isso, estamos convictas: precisamos repensar a Educação Ambiental. Nosso trabalho sugere que comecemos pela revisão do conceito de cidadania, pois a idéia original reducionista, atribuída aos indivíduos moradores das cidades como mais importantes na obtenção de direitos, persiste nas sombras do preconceito sofrido pelos índios, agricultores familiares, camponeses das várias regiões do mundo, além das demais formas de vida que, por não serem “humanas”, foram negadas como sopro de uma mesma energia vital, aquela que anima o planeta como organismo vivo que é e como aquele onde a vida surgiu e se desenvolve.

Mas este passo não é suficiente. A reinvenção da Educação Ambiental, como aconteceu na década de 1970, deve passar, novamente, pela convocação dos educadores que, em nossa tese, são convidados a apoiarem sua prática no resgate dos saberes tradicionais marginalizados no processo de modernização.

O entoar uníssono de uma espécie de tributo aos valores modernos, ao “novo” como condição de reconhecimento, ao acúmulo de bens como caminho imprescindível ao sucesso, expulsou da esfera dos valores válidos a ética, a solidariedade, o aconchego das coisas simples, a expressão artística popular, a busca do auto-conhecimento, o diálogo profundo com a natureza e a entrega à energia suprema, conspiradora de nossa história, e sob a qual nos sentimos parte de um Todo que nos sustenta e acolhe.

Assim, resgatando em nossa história pessoal um tempo de descobertas estimulantes proporcionadas pelo contato com agricultores familiares, que nos colocou diante do desafio de mergulharmos em nossa visão de mundo e reformular conceitos a partir de sua ótica de vida, construímos uma proposta metodológica de Educação Ambiental, cujo principal objetivo é enfatizar seu aspecto *educacional*, sem desconsiderar o *ambiental*.

Temos muito que aprender com os saberes esquecidos; em nossa proposta, cada educador que trabalha com crianças para as quais o ensino formal é apresentado, será convidado a participar. Em suma, pensamos numa Educação Ambiental capaz de transformar o sujeito pela sua própria experiência, enfatizando a responsabilidade por suas escolhas, criando contextos de autonomia e de relações, fazendo e resgatando cultura. Quanto maior sua percepção do mundo, a qual envolve sua trajetória histórica, mais ele pode avaliar as conseqüências de suas ações, mais pode optar pela construção ou pela destruição. O sujeito educado para consciência de si e do mundo age espontaneamente pela redução de supérfluos, pela destinação adequada do lixo, pelo

respeito às plantas, aos rios e aos animais, pelo cuidado consigo e com seu semelhante, como simples conseqüências de seu novo olhar para o mundo.

O Cerrado na Escola surgiu a partir de experiências de vida significativas e profundamente marcantes, mas, também, de ricas leituras, como demonstrou nossa pesquisa bibliográfica. Aos poucos, vivência e teoria foram moldando a proposta, até que ela perdesse totalmente os limites de uma metodologia fechada e de caráter disciplinar, considerando o modelo curricular atual.

Por estarem muito envolvidos por este modelo, os educadores², a princípio, deverão ter acesso a leituras que lhes mostrem uma síntese da proposta, especialmente no aspecto histórico que não deixa dúvidas quanto à urgência de se questionar a atual metodologia da Educação Ambiental. Também serão convidados a entrar em contato com os saberes tradicionais, começando por suas próprias histórias, a partir de atividades executadas por linguagens diferenciadas, como vimos no capítulo 5. O resgate da sacralidade pelo ser superior e por nossos companheiros de viagem na aventura de viver – espécies vivas e recursos naturais da Terra –, também serão etapas fundamentais deste processo. Depois de um trabalho minucioso e voltado unicamente aos educadores, cada qual, em seu momento, deverá iniciar a aplicação da proposta junto a seus alunos.

Sinergia vem do grego *synergia*: cooperação; associação de vários órgãos no cumprimento de determinada função fisiológica; ação simultânea; associação de vários fatores que, contribuindo para uma ação ordenada, aumentam sua eficiência. Esta é a palavra que melhor define a idéia de Educação Ambiental que pretendemos edificar.

Sinergia rima com alegria. Pretendemos ver, um dia, as escolas tomadas por uma alegria contagiante, inexplicável pela lógica racional, sedutora aos alunos e educadores, lugar de conhecimento e crescimento. Há que se ter coragem de mobilizar uma realidade há muito esquecida por propostas pedagógicas inovadoras.

Alinhavada com o fio histórico dos saberes tradicionais, ela não pretende levar a idéia de que a vida só tem sentido se vivida em contato direto com a natureza intocada, mesmo porque não somos aquelas pessoas que viveram no passado. Somos outras pessoas, diferentes daquelas porque carregamos algo a mais: a angústia da consciência de nosso papel na destruição da casa

² Optamos pelo termo “educador” porque a proposta será direcionada a todos os envolvidos no processo educacional. Aliás, existe, em nossa opinião, um outro espaço de pesquisa que merece atenção: o papel dos Especialistas em Educação na condução da Educação Ambiental. Por sua formação essencialmente transdisciplinar, acreditamos que eles muito têm a contribuir.

que recebemos de graça, repleta de bens para uma vida feliz, e o medo de pensarmos que nossos filhos ou netos poderão não herdar o futuro.

Por isso, seria impossível pensar nos saberes tradicionais como passes de mágica que nos levariam a “ser” como as pessoas que nos antecederam. Não propomos tal façanha. Queremos partir da realidade construída, concreta, real, pois tudo o que conseguirmos “evoluir” na consciência humana, por meio destes saberes, será traduzido como um passo importante rumo à sobrevivência coletiva. “Então o lobo habitará com o cordeiro e a criança brincará sobre a cova da serpente” (Is 11, 6-8).

Carregando em nós os sinais (gens) de toda uma história de existência da Terra, podemos ser considerados a própria “tradição cósmica”. Queremos, pois, conclamar as vozes dessa tradição para que nos ajudem a entoar um novo tributo: o tributo à vida!

Ética e sensibilidade não se ensinam. Podemos ler belos tratados sobre ética e assistir a várias palestras sobre sensibilidade, e, mesmo assim, sermos frios e antiéticos. É melhor tentar pelo exemplo. Então, comecemos, pois não há tempo a perder. É preciso fazer algo, lembram?

REFERÊNCIAS

AGENDA 21. Conferência Internacional sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento. Rio de Janeiro, 1992. 471p.

AGRICULTURA SUSTENTÁVEL: subsídios à elaboração da Agenda 21 brasileira. MMA, IBAMA, Brasília, 2000. 190p.

ALVES, R. **Navegando**. Campinas: Papirus, 2000. 124p.

_____. **A música da natureza**. 2 ed. Campinas: Papirus, 2004. 125p.

_____. **Religião e repressão**. São Paulo: Loyola, 2005. 343p.

_____. **Se eu pudesse viver minha vida novamente...**: textos selecionados. 2 ed. Campinas: Verus Editora, 2006. 128p.

ANDRADE, C. D. de. **Da utilidade dos animais**. Revista Ecologia Integral. Ano 5, n. 28, p. 29. 2006.

ANDRADE, A. P. M. de. **A percepção docente sobre a violência na escola e a Educação Ambiental como possibilidade para sua superação**. 121 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental). Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande/RS, 2001.

ANRÉS, M. Constituição Planetária. In: CREMA, R., BRANDÃO, D. M. S. **O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística**. São Paulo: Summus, 1991. p. 56-60.

ANTUNES, C. **A linguagem do afeto: como ensinar virtudes e transmitir valores**. 3 ed. Campinas: Papirus, 2005. 139p.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Temas de Filosofia**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 1998. 256p.

AVELINE, C. C. **A vida secreta da natureza: uma iniciação à Ecologia Profunda**. Blumenau: Ed. Da FURB, 1999. 133p.

BARBIER, R. **A Pesquisa-ação**. Trad. Lucie Didio. Paris: Economica, 1996. 112p.

BARBOSA, A. S.; SCHMITZ, P. I. Ocupação indígena do Cerrado: esboço de uma história. In: SANO, S. M., ALMEIDA, S. P. de. **Cerrado: ambiente e flora**. Planaltina: EMBRAPA-CPAC, 1998. p.3-43.

BEAUMONT, M. T. de. **Paisagens folifônicas da Música na escola: saberes e práticas docentes**. 122 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2003.

BIANCHETTI, L., MACHADO, A. M. N. (Org.). **A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações**. Florianópolis: Ed. da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002. 408p.

BLUM, R. Agricultura familiar : estudo preliminar da definição, classificação e problemática. In: TEDESCO, J. C. (Org.). **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: EDIUPF, 1999, p. 57-123.

BOFF, L. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. São Paulo: Ática, 1996. 341p.

_____. **O despertar da águia: o dia-bólico e o sim-bólico na construção da realidade**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1997. 174p.

_____. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela Terra**. Petrópolis: Vozes, 1998. 199p.

_____. **O Senhor é meu pastor: consolo divino para o desamparo humano**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 155p.

_____. A ressonância Shumann: o coração da Terra disparou. **Jornal do Brasil**, São Paulo, 05/03/2004. p.11.

BOGDAN, R.; BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: um introdução aos métodos**. Porto Alegre: Porto Editora, 1994. 123p.

BORDINI, M. da G. **Poesia infantil**. São Paulo: Ática, 1991. 89p.

BOSI, E. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. 484p.

BRANDÃO, C. R. (org.). **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 252p.

BROWN, D. **Enterrem meu coração na curva do rio**: índios contam o massacre de sua gente. 12 ed. Trad. Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Melhoramentos, 1987. 292p.

BRUM, A. J. A revolução verde. In:_____. **Modernização da agricultura**: trigo e soja. Petrópolis: Vozes; Ijuí: FIDENE, 1987, 1987. p.44-50.

CAPRA, F. **O Ponto de Mutação**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1982. 447p.

_____. **A Teia da Vida**. Trad. Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 1996. 256p.

_____. **As conexões ocultas**: ciência para uma vida sustentável. Trad. Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2002. 296p.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. 236p.

CASCINO, F. **Educação Ambiental**: princípios, história e formação de professores. São Paulo: SENAC, 1999. 109p.

CASTELLS, M. **O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 530p.

CASTORIADIS, C., COHN-BENDIT, D. **Da ecologia à autonomia**. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Brasiliense, 1981. 87p.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. **Gênero e meio ambiente**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO/UNICEF, 1997. 112p.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Editora Gente, 2001. 263p.

_____. **Pedagogia do amor**: a contribuição das histórias universais para a formação de valores das novas gerações. São Paulo: Editora Gente, 2003. 202p.

CONNELLY, F. M., CLANDININ, D. J. (org) **Déjame que te cuente**: ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona: Ed. Alertes, 1995. 59p.

_____. **Educar em oração**. Cachoeira Paulista: Editora Canção Nova, 2005. 119p.

CREMA, R., BRANDÃO, D. M. S. **O novo paradigma holístico: ciência, filosofia, arte e mística.** São Paulo: Summus, 1991. 160p.

CREMA, R. **Introdução à visão holística:** breve relato de viagem do velho ao novo paradigma. São Paulo: Summus, 1989. 133p.

_____. Ser humano: a maior descoberta do terceiro milênio. **Revista Ecologia Integral**, Belo Horizonte, ano 2, n. 6, p. 16-19, maio. 2003.

CURY, J. A. **Inteligência Multifocal:** análise da construção dos pensamentos e da formação de pensadores. São Paulo: Cultrix, 1998. 335p.

_____. **Pais brilhantes, professores fascinantes.** Rio de Janeiro: Sextante, 2003. 171p.

CZAPSKI, S. (Org.). **A Implantação da Educação Ambiental no Brasil.** Brasília, MEC, 1998. 166p.

DALLARI, D. de A. **Direitos humanos e cidadania.** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2004. 112p.

DELORS, J. et al. **Educação:** um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998. 288p.

DIAMOND, J. **Colapso:** como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso. Trad. Alexandre Raposo. Rio de Janeiro: Record, 2005. 685p.

DIAS, G. F. **Educação Ambiental:** princípios e práticas. 4 ed. São Paulo: Gaia, 1992. 400p.

DIEGUES, A. C. **O mito moderno da natureza intocada.** 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1998. 168p.

DAMÁSIO, A. R. **O erro de Descartes:** emoção, razão e o cérebro humano. Trad. Dora Vicente e Georgina Segurado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. 330p.

DIMENSTEIN, G. **O cidadão de papel:** a infância, a adolescência e os direitos humanos no Brasil. 12 ed. São Paulo: Ática, 1996. 157p.

FONSECA, S. G. **Ser professor no Brasil:** história oral de vida. Campinas: Papyrus, 1997. 230p.

FREIRE, A. M. A. O legado de Paulo Freire à Educação Ambiental. In: NOAL, F. O., BARCELOS, V. H. de L. (Org.). **Educação Ambiental e Cidadania:** cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2003. p. 11-22.

FUNARI, P. P. A cidadania entre os romanos. In: PINSKY, J., PINSKY, C. B. (Org.). **História da Cidadania.** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 49-80.

GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra.** 3 ed. São Paulo: Peirópolis, 2000. 217p.

GALLO, S. Transdisciplinaridade e educação: pensando educação não-disciplinar. In: ALVES, N.; GARCIA, R.L. **O sentido da escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.17-41.

GALLO, S. Disciplinaridade e transversalidade. In: ALVES-MAZZOTTI, A. J. et al. **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2001. p. 120-135.

GRAZIANO DA SILVA, J. Agricultura sustentável: um novo paradigma ou um novo movimento? In: _____. **Tecnologia e agricultura familiar**. Porto Alegre: UFRGS, 1993. p.51-63.

_____. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, N. e GARCIA, R. L. (Org.). **O sentido da escola**. 2 ed. Rio de Janeiro: DP e A, 2000. p. 45-60.

GARDNER, H. **Mentes que criam**: uma anatomia da criatividade observada através das vidas de Freud, Einstein, Picasso, Stravinski, Eliot, Grahm e Gandhi. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 1996. 178p.

_____. **Inteligências Múltiplas**: a teoria na prática. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Editora Artes Médicas Sul, 2000. 257p.

GEORGE, P. et al. **A Geografia ativa**. 4 ed. Trad. Gil Toledo, Manuel Seabra, Nelson de La Côte e Vincenzo Bochicchio. São Paulo: Difel, 1975. 354p.

GOLEMAN, D. **A arte da meditação**. 4 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 1999. 98p.

GORGEN, P. **Pós-modernidade, ética e educação**. Campinas: Autores associados, 2001. 95p.

GORZONI, P. Benzedeadas: as mãos abençoadas. **Revista Planeta**. Ano 32, ed. 388, p.60-65, janeiro. 2005.

GRÜN, M. **Ética e Educação Ambiental**: a conexão necessária. 8 ed. Campinas: Papirus, 1996. 120p.

GRYZINSKI, V. Perigo real e imediato. **Revista Veja**. Ano 38, ed. 1926, p.84-120, outubro. 2005.

GUEDES, T. **Ensinar a poesia**. Lisboa: Edição Asa, 1995. 203p.

GUERRA, E. F. **Organização política e segurança alimentar na Sociedade Krahô**. 123 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2004.

GUIMARÃES, M. **A dimensão ambiental na educação**. Campinas: Papirus, 1995. 198p.

GUTIÉRREZ, F., PRADO, C. **Ecopedagogia e Cidadania Planetária**. 2 ed. São Paulo: Cortez – Instituto Paulo Freire, 2000. 128p.

HUTCHISON, D. **Educação Ecológica**: idéias sobre consciência ambiental. Trad. Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. 176p.

JAPIASSÚ, H. e MARCONDES, D. **Dicionário Básico de Filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1996. 296p.

KAISER, A. Pela cultura da florestania. **Revista Mundo Jovem**, Porto Alegre, ano XLIV, n. 367, p. 13, junho. 2006.

KENSKI, R. O começo do fim. **Revista Super Interessante**. Ed. 218, p.44-54, outubro. 2005.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções Científicas**. Trad. Beatriz Vianna Boeira e Nelson Boeira. São Paulo: Perspectiva, 1975. 262p.

LARA, T. A. **Caminhos da Razão no Ocidente**: A Filosofia Ocidental, do Renascimento aos nossos dias. Petrópolis: Vozes, 1986. 175p.

LEIS, H. R. **O Labirinto**: ensaios sobre ambientalismo e globalização. São Paulo/Blumenau: Gaia, 1996. 173p.

LELOUP, J. A tradição hesicaste: espírito e método – um caminho novo no cristianismo. In: CREMA, R., BRANDÃO, D. M. S. **O novo paradigma holístico**: ciência, filosofia, arte e mística. São Paulo: Summus, 1991. p. 135-146.

LOVELOCK, J. Gaia: um modelo para a dinâmica planetária e celular. In: THOMPSON, W. I. (org.). **Gaia**: uma teoria do conhecimento. 3 ed. São Paulo: Gaia, 2001. p. 77-90.

LOVELOCK, J. A vingança de Gaia. **Revista Veja**. Ano 39, ed. 1979, n. 42, p.17-20, outubro. 2006.

Manual de saneamento e proteção ambiental para os municípios. MMA. Secretaria Especial de Educação Ambiental, 2000. 84p.

MARTINS, M. A. **Primeira lição**: uma cartilha metafísica. São Paulo: Centro de Estudos Vida e Consciência Editora Ltda, 2000. 110p.

MEDINA, N. M., SANTOS, E. da C. **Educação Ambiental**: uma metodologia participativa de formação. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. 231p.

MELLO, A. de. **O Canto do Pássaro**. São Paulo: Loyola, 2003. 124p.

MELO, F. de. **Tempo**: saudades e esquecimento: o cotidiano como lugar de revelação. São Paulo: Paulinas, 2003. 126p.

MEYER, M. Educação Ambiental com Guimarães Rosa. **Revista Presença Pedagógica**. V. 12, n. 70, p. 13-21, julho/agosto. 2006.

MONTANELLI, I. e GERVASO, R. **Idade Média**: treva ou luz? Trad. Jeronimo Monteiro. São Paulo: IBRASA, 1967. 304p.

MONTENEGRO, A. **História Oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1994. 152p.

MORANDI, S.; GIL, I. C. **Tecnologia e Meio Ambiente**. São Paulo: Copidart, 2000. 172p.

MOREIRA, M. C. **Diversidade cultural e formação de professores/as**: uma experiência em um assentamento rural. 185 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Uberaba, Uberaba/MG, 2004.

MORIN, E. **O Paradigma perdido**: a natureza humana. Sintra: Publicações Europa-América, 1991. 123p.

MORIN, E. **A inteligência da complexidade**. Trad. Jean-Lois Le Moigne. São Paulo: Peirópolis, 2000. 137p.

MORIN, E.; TERENA, M. **Saberes globais e saberes locais**: o olhar transdisciplinar. Tradução de Paula Yone Strob. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. 75p.

MORIN, E.; ALMEIDA, M. da C., ASSIS, E. de. (Org.). **Educação e complexidade**: os sete saberes e outros ensaios. Trad. Edgard de Assis Carvalho. São Paulo: Cortez, 2002. 102p.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Trad. Eloá Jacobina. 5 ed. Rio de Janeiro; Bertrand Brasil, 2001. 128p.

_____. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 151p.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Trad. Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 117p.

MUSSER, G. O clímax da humanidade. **Revista Scientific American**. Ano 4, n. 41, p. 36-39, outubro. 2005.

NOAL, F. O., BARCELOS, V. H. de L. (org.). **Educação Ambiental e Cidadania**: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2003. 349p.

NOGUEIRA, D. B. Plantas medicinais: a saúde está na natureza. **Revista Mundo Jovem**. Ano XLIII, n. 361, p.4-5, outubro. 2005.

NUNES, C. A. **Aprendendo Filosofia**. 7 ed. Campinas: Papirus, 1997. 111p.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Trad. Christopher J. Tribe. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan S/A, 1988. 434p.

OLIVEIRA, M. G. R. **A Educação Ambiental na base do ensino**: uma análise do real e a construção de uma convivência ecológica na escola. 202f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2001.

OLIVEIRA, M. G. R.; MELO, E.; VLACH, V. R. F. A implantação da coleta seletiva de lixo em escolas do município de Araguari (MG): equívocos e perspectivas. **Sociedade e Natureza**. Ano 17, n.º 33, p. 131 – 142. 2005.

OLIVEIRA, T.C. **A continuidade como sentido na moderna agropecuária dos cerrados do Alto Paranaíba**. 65f. Monografia (Especialização em Ecologia e Meio Ambiente). Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG. 1999.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Apresentação dos temas transversais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 436p.

PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS: Arte. 2 ed. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. 130p.

PELIZZOLI, M. L. **A Emergência do Paradigma Ecológico**: reflexões ético-filosóficas para o século XXI. Petrópolis: Vozes, 1999. 160p.

PENNA, M. **Professores de música nas escolas públicas de ensino fundamental e médio**: uma ausência significativa. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 7, p. 7-19, 2002.

PESSÔA, V. L. S. **Ação do Estado e as transformações agrárias no Cerrado das zonas de Paracatu e Alto Paranaíba – MG**. 239 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual de São Paulo, Rio Claro, 1988.

PIMENTEL, J. S. Simplicidade voluntária: uma volta às origens? **Revista Ecologia Integral**. Ano 2, n. 6, p. 28-29, abril/maio. 2002.

PINSKY, J., PINSKY, C. B. (org.). **História da Cidadania**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003. 591p.

POPKEWITZ, T. S. História do currículo, regulação social e poder. In: SILVA, T. T. da. **O sujeito da educação**: estudos foucaultianos. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 258p.

PRADO JÚNIOR, C. Formação do Brasil contemporâneo: colônia. In: SANTIAGO, S. (Org.). **Intérpretes do Brasil**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002. 1866p.

PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL GIRA SOL: diretrizes metodológicas. Prefeitura Municipal de Araguari, 1997.

RABELO, A. P. **Meio Ambiente, Educação e Arte na perspectiva do Projeto EmCantar:** uma contribuição à educação formal. 109 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geografia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2005.

REIGOTA, M. **A Floresta e a Escola:** por uma Educação Ambiental pós-moderna. São Paulo: Cortez, 1999. 167p.

RIBEIRO, I. de C. **Educação Ambiental de corpo e alma:** trabalhando sentimentos e valores numa experiência com Agenda 21 Escolar. São Paulo: São Francisco Gráfica e Editora, 2005. 185p.

RIBEIRO, R. F. **Florestas anãs do sertão:** o Cerrado na história de Minas Gerais. Volume 1. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 480p.

RIBEIRO, W. C. Em busca da qualidade de vida. In: PINSKY, J., PINSKY, C. B. (org.). **História da Cidadania**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 399-418.

RICKLEFS, Robert. **A Economia da Natureza**. 3 ed. Trad. Cecília Bueno e Pedro de Lima e Silva. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996. 470p.

ROMEIRO, A. R. O modelo euro-americano de modernização agrícola. In: _____. **Meio ambiente e dinâmica de inovações na agricultura**. São Paulo: Anablume/FAPESP, 1998. cap. III. P.69-93.

SALDANHA, J. A natureza espera uma ação diferente dos humanos. **Revista Mundo Jovem**. Ano XLII, n. 347, p.12-13, junho. 2003.

SALETTE, M.; RUGGERI, W. **De lagarta a borboleta:** um caminho para a transformação interior. 6 ed. Campinas: Verus Editora, 2004. 75p.

SANO, S. M., ALMEIDA, S. P. de. **Cerrado:** ambiente e flora. Planaltina: EMBRAPA, 1998. 556p.

SANTOS, B. de S. **Pela mão de Alice:** o social e o político na pós-modernidade. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1994. 345p.

SANTOS, L. A. **Idade Média:** o amor ao saber não se extingue. **Revista Mundo Jovem**. Ano XLIV, n. 366, p. 6-7, maio. 2006.

SATO, M.; SANTOS, J. E. **Agenda 21 em sinopse**. São Carlos: EdUFSCar, 2001.

SATO, M.; PASSOS, L. A. Biorregionalismo: identidade histórica e caminhos para a cidadania. In: LOUREIRO, c. f. b., LAYRARGUES, P. P., CASTRO, R. S. (org.). **Educação Ambiental: repesando o espaço da cidadania**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 221-252.

SATO, M. **Apaixonadamente pesquisadora em Educação Ambiental**. Rio Claro, 2004. Disponível em www.ufmt.br/gpea/algumaspublicações.

SAVIOLI, R. M. **Milagres que a medicina não contou**. São Paulo: Gaia, 2004. 155p.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 2002. 335p.

SILVA, P. B. G. Espaços para Educação das relações internéticas. In: SILVA, L. H. (Org.). **A escola cidadã no contexto da globalização**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998, p. 381-396.

SINGER, P. **Curso de introdução à economia política**. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982. 186p.

SMITH, N. **Desenvolvimento desigual: natureza, capital e a produção do espaço**. Trad. Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988. 250p.

SORRENTINO, M. Novas leis para o ambiente e a educação. In: CZAPSKI, S. (Org.). **A Implantação da Educação Ambiental no Brasil**. Brasília, MEC, 1998. p. 56-67.

STREFLING, S. Idade Média: trevas ou filosofia? **Revista Mundo Jovem**. Ano XLI, n. 335, p. 6-7, abril. 2003.

SUBTIL, M. J. D. Mídias e produção do gosto musical em crianças da quarta série do ensino fundamental. In: **Anais da reunião anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação**, 2003, Poços de Caldas. ANPED, 2003, 1 CD.

THIOLLENT, M. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. In: BRANDÃO, C. R. (org.) **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999. 252p.

_____. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 12 ed. São Paulo: Cortez, 2003. 108p.

THOMPSON, P. **A voz do passado: história oral**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. 385p.

TOURINHO, I. **Por que ensinar música de massa na educação escolar?** Revista da Escola de Música da UFBa, n. 23, p. 7-20, 1995.

TOZONI-REIS, M. F. de C. **Educação Ambiental: natureza, razão e história**. Campinas: Autores Associados, 2004. 170p.

TRIGUEIRO, A. (org). **Meio Ambiente no século 21: 21 especialistas falam da questão ambiental nas suas áreas de conhecimento**. Rio de Janeiro, Sextante, 2003. 367p.

UNGER, N. M. **O Encantamento do Humano: ecologia e espiritualidade**. São Paulo: Loyola, 1991. 94p.

VENANCIO, D. **A terapia floral: escritos selecionados de Edward Bach, sua filosofia, pesquisas, remédios, vida e obra**. Trad. Sílvia Branco Sarzana. 4 ed. São Paulo: Ground, 1991. 268p.

VIEIRA, L. **Cidadania e globalização**. São Paulo: Loyola, 2000. 178p.

VLACH, V. R. F. Os desafios da cidadania e o ensino de Geografia. Conferência proferida no **VII Encontro Regional de Geografia – Centro-Oeste**, 07/09/2001. Quirinópolis/GO.

WEIL, P. **Os mutantes: uma nova humanidade para um novo milênio**. Campinas: Verus, 2003. 162p.

WHITAKER, D. C. A. et al. A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou caricatura? In: WHITAKER, D. C. A. **Sociologia rural: questões metodológicas emergentes**. Presidente Wenceslau, São Paulo: Letras à Margem, 2002. p. 115-120.

ZEZINHO, sjc. **Canções para quem não sabe rezar**. São Paulo: Gravadora Paulinas, 1998.

MELO, F. scj. **Sou um Zé da Silva e outros tantos**. São Paulo: Gravadora Cancão Nova, 2006.

<http://www.vitaecivilis.com.br>

<http://www.cuidadoser.com.br>

<http://www.simplicidadevoluntária.org.br>

<http://www.ibb.org.br>

<http://www.museudofolclore.com.br>

<http://www.akatu.org.br>

<http://www.fabiodemelo.com.br>

<http://ocanto.esenviseu.net>

ANEXO 1: Nomes completos dos entrevistados da Associação Nova Esperança

- Adalgisa dos Santos Silva
- Belina Rodrigues Macedo
- Belino Costa Macedo
- Francisco José Batista de Souza (Chico)

- Geraldo Tenório da Silva (Sr. Tenório)
- Ivo Costa Macedo
- João Calixto Neto
- João Cândido da Silva (Joãozinho)
- José Luiz Cândido da Silva (Zezinho)
- José Neres Malta (Zé Brinco)
- Júlia Rodrigues Macedo
- Maria Aparecida Rodrigues Malta (Cida)
- Rita Francisca de Souza
- Sheila Aparecida Araújo Macedo

ANEXO 2: Sugestões de materiais/recursos a serem utilizados na proposta de Educação Ambiental *O Cerrado na Escola*³:

LIVROS DE HISTÓRIAS INFANTIS:

- MACHADO, A. **A outra perna do saci**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 80p.
 “Tudo que existe na mata, se não existe, já existiu.” (“Sô” Anito, mateiro do sul da Bahia).

³ Outros materiais foram selecionados e tantos outros poderão ser sugeridos e construídos pelos próprios educadores. Optamos por colocar neste anexo alguns que consideramos ilustrativos.

Um saci deseja se tornar um jogador tão bom e famoso como Ronaldinho. Para isso, conta com a ajuda de um menino e resolve organizar o campeonato da floresta, entre o time dos mitos e o dos bichos. Em meio a jogadas espetaculares, dúvidas e anseios, ele acaba descobrindo a sua verdadeira vocação e a importância da união e da amizade na preservação do folclore brasileiro, questionando a idéia importada da existência de gnomos e duendes.

- BEDRAN, B. **Deus...** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 32p.

“Ele vive escondido da gente. Desde quando eu era muito pequenininho, escuto falar que ele está em toda parte.” (Bia Bedran)

O livro fala de Deus por meio de crianças/personagens pensadas pela autora. Deus é “visto” nos acontecimentos que envolvem estas crianças, deixando uma mensagem de que mais do que acreditar em Deus, devemos senti-lo.

- COSTA, P. C. R. **Teo, o menino azul.** São Carlos: Ed. Riani Costa, 1991. 20p.

“Teo percebeu, afinal, que o mundo seria melhor se cada um fizesse tudo o que estivesse ao seu alcance, sem nenhuma imposição, tudo de bom, nada de mau.” (Paulo César Riani Costa)

Teo, uma criança como outra qualquer, percebeu, um dia, que o azul do céu lhe trazia paz e harmonia. Por isso, resolveu escrever para o chefe de todas as nações, para o chefe do Brasil, de seu estado e cidade, propondo a idéia de que tudo fosse pintado de azul, azul claro, é claro. Quem sabe, assim, as pessoas ficavam mais tranquilas e paravam com as guerras. Uma a uma, suas cartas não tiveram resposta e Teo, muito triste, percebeu que sua casa era amarela e estava desbotada. Então, concluindo que sua casa ele podia pintar de azul, acabou provocando uma reação em cadeia e, aos poucos, todo o planeta estava azul.

- LUCADO, M. **Você é especial** ou **A história dos Xulingos.** São Paulo: Agno, 2000. 31p.

“Eli ergueu Marcinelo do banco e o colocou no chão. ‘Lembre-se’, disse Eli quando o xulingo saía pela porta, ‘você é especial porque eu o fiz. E eu não cometo erros.’ Marcinelo nem parou, mas lá no fundo de seu coração pensou: ‘acho que ele realmente se importa comigo.’ E, quando ele pensou assim, uma bolinha cinzenta caiu ao chão.”

O livro retrata uma cidade onde todos os habitantes eram feitos de madeira, construídos por um marceneiro chamado Eli. Nesta cidade, todos eram marcados com estrelas ou bolinhas cinzentas quando faziam coisas aprovadas ou não, respectivamente. Então, cada pessoa era marcada e podia marcar as outras. Marcinelo estava triste porque tudo que fazia era desaprovado e ele vivia marcado com muitas bolinhas cinzentas, até que encontrou Lúcia que, curiosamente, não tinha nem bolinhas e nem estrelas. Marcinelo sentiu que Lúcia era feliz e perguntou o que fazia para não ter marcas. Lúcia respondeu que havia conhecido Eli, seu criador, e que, a partir daí, entendeu que não dependia da opinião dos outros para ser feliz. Lúcia levou Marcinelo até Eli que, a partir daí, iniciou mudanças em sua vida.

- ALVES, R. **O decreto da alegria**. São Paulo: Paulus, 2004. 23p.

“E de repente, sem que ninguém desse ordem alguma, todos tiraram suas máscaras de riso e com os rostos à mostra, molhados de lágrimas, começaram a caminhar, vagarosamente, na direção da estrela...” (Rubem Alves)

Um rei de coração bom e cabeça tola pensava que podia realizar os desejos do coração por decretos e, por isso, decretou que, no seu reino, as tristezas estavam proibidas e que as alegrias passariam a ser obrigatórias. Mas, com o tempo, todos entenderam que a vida é feita de alegrias e tristezas, e que, sem as tristezas, as alegrias são máscaras vazias, e sem as alegrias, as tristezas são abismos escuros.

- ALVES, R. **A libélula e a tartaruga**. São Paulo: Paulus, 1999. 16p.

“Foi quando um pescador passou por ali, levou-a (a tartaruga) para casa e a transformou numa sopa deliciosa. Quanto à libélula, voou ao sabor do vento, feliz de que fosse assim tão leve...” (Rubem Alves)

Na beira de um lago, a tartaruga, imobilizada em cima de uma pedra, criticava a libélula por ser tão ágil, leve, vibrante, dizendo que corria riscos por ser assim. Em sua opinião, ela se assemelhava às crianças e às pipas. De acordo com sua filosofia, devemos ser como os adultos que tudo fazem para correr riscos. Dizia: ‘os adultos são graves, aqueles que respeitam a lei da gravidade, sempre para baixo. O contrário disso? Leviano... Uma pessoa leviana é alguém que não se deve levar a sério. Sou o modelo dos adultos. E é por isso que, à medida que vivem, vão ficando cada vez mais parecidos comigo!...’ No final, um pescador que por ali passava, viu a tartaruga e levou-a para casa, transformando-a numa sopa.

- **GASPARETTO, L. A. Se ligue em você.** 9 ed. São Paulo: Espaço Vida e Consciência, 1997. 48p.

“Existe uma luzinha no seu peito. Uma luz que os olhos não vêem. Mas, quando ela está acesa, a gente sente. Pois é ela que causa os nossos sentimentos. Quando você a acende, aparecem sentimentos bons em seu peito. Tudo fica mais bonito e gostoso. Ela faz você se sentir alegre.” (Luiz Antônio Gasparetto)

Um livro que, seguindo a idéia de que cada criança tem uma luz dentro de si, o autor mostra que tudo em nossa vida depende de como alimentamos ou apagamos esta luz. Trabalha valores e espiritualidade.

- **CHALITA, G. A ética do rei menino.** Rio de Janeiro: Rocco, 2005. 110p.

“Era o amanhecer de um novo dia, de um Abril encantado, no Reino Mágico da Consciência. E o Artista Iluminado se encantava com a criação, e o seu Amor que a tudo invadia se fazia canção, e habitava todos os cantos e recantos do Reino”. (Gabriel Chalita)

Pelas palavras do autor, este é um livro comprometido com questões importantes. Uma delas é propiciar ao leitor uma narrativa que nos convida a viagens imaginárias deliciosas, porque descritas com a sensibilidade singular do mesmo. A história encantadora dos

habitantes do Reino Mágico da Consciência – lugar onde se passa a história – é construída seguindo à risca o estilo inconfundível das fábulas, na medida em que sua mensagem é atemporal, além de ser difundida pelos carismáticos representantes do mundo animal.

- ITOZ, S. (Ir). **Cidadania e infinito: educação religiosa**. São Paulo: Colégio Emilie de Villeneuve, 1997. 39p.

Um livro voltado à Educação Religiosa numa perspectiva que transcende religiões fechadas. Tem a proposta de contribuir para o desenvolvimento intelectual, afetivo, social e religioso que resulte na formação de um aluno responsável, consciente, autônomo, crítico e comprometido com a justiça, ética e cidadania. Para tantos, são desenvolvidas atividades que propiciam reflexão e análise da realidade que vivenciamos.

- FALCÃO, A. **Mania de explicação**. São Paulo: Moderna, 2001. 45p.

“AINDA é quando a vontade está no meio do caminho. VONTADE é um desejo que cisma que você é a casa dele. SOLIDÃO é uma ilha com saudade de barco. PERDÃO é quando o Natal acontece em mim, por exemplo. DESCULPA é uma frase que pretende ser um beijo (...). Talvez porque não tivesse sentido, talvez porque não houvesse explicação, esse negócio de amor ela não sabia explicar, a menina.” (Adriana Falcão)

Com uma linguagem poética e filosófica, a autora explica alguns conceitos/valores/sentimentos de uma maneira extremamente criativa e atraente, como vimos acima.

- FURNARI, E. **Lolo Barnabé**. Histórias Pescadas. São Paulo: Moderna, 2002. 15p.

“Ficaram muito felizes...mas nem tanto. Lolo contou uma história e Finfo contou outra. Brisa entoou uma canção e lembrou-se de fazer algo que havia muito tempo não fazia: agradecer a Deus pela beleza da vida. Finalmente, entenderam que, se eles mesmos tinham feito aquela armadilha, eles mesmos poderiam desfazê-la. Eles eram bem criativos e inteligentes.” (Eva Furnari)

Um livro verdadeiramente apaixonante. Fala de uma família unida e agradecida a Deus por tudo que tinha, até que, por ser criativa e inteligente, foi inventando tantas coisas que nunca estava satisfeita e queria mais. Chegou um momento que as pessoas estavam infelizes e resolveram que, como elas haviam inventado aquele mal-estar, também poderiam ficar livres dele.

- VIGATO, L. H. **Conjunção: o elo do universo**. Coleção: Criação da fala e da escrita. Belo Horizonte: FAPI, 2001. 12 p.

“A conjunção subordinativa liga orações dependentes. É como o sol e o dia. Você já viu sol à noite? O dia é o elo que liga o sol. Sem o dia, não existe sol. Um depende do outro. Um completa o outro”. (Lúcia Helena Vigato).

Interessante coleção que ensina conceitos da gramática da língua portuguesa por meio de histórias que envolvem a natureza.

- RAMOS, R. **Na minha escola todo mundo é igual**. São Paulo: Cortez, 2004. 20p.

“Aqui vai um conselho que só leva um segundo. Quem não respeita o outro, não tem lugar nesse mundo.”
(Rossana Ramos)

Este livro é o resultado poético de uma experiência vivida numa escola em que realmente todo mundo é igual, apesar das diferenças. É o anúncio de uma nova concepção: e educação inclusiva. Trabalha o preconceito e o respeito pelas diferenças.

OUTROS LIVROS:

- **FOLCLORE: ritmos e tradições do Brasil**. Coleção De Olho no Mundo. Ed. Abril, 2000. 37p.

O livro retrata vários temas que compõem a tradição histórico-cultural do Brasil: RETRATO MULTICOLORIDO: como um movimento cultural torna-se folclore; FOLCLORE INFANTIL: brincadeiras e jogos que há muito tempo divertem crianças; TEATRO AO AR LIVRE: os folguedos e suas variações no Brasil; DANÇAS E RITMOS: diferentes estilos musicais convivem no país; FESTAS POPULARES: as comemorações mais populares têm origem religiosa; FOLIA NA RUA: a confraternização das classes sociais acontece no Carnaval; COISAS DE ASSUTAR: as lendas contadas de pai para filho há várias gerações; PÔSTER: LENDAS E MITOS DO BRASIL: os principais personagens que fazem parte do folclore brasileiro; ESPETÁCULOS GRANSIOSOS: os desfiles de escolas de samba e dos blocos são uma enorme festa; SABORES BRASILEIROS: os diversos pratos brasileiros provam que culinária também é folclore; SOTAQUE BAIANO: os vários movimentos folclóricos de Salvador, na Bahia; ARTE COM AS MÃOS: a riqueza do trabalho manual dos artistas brasileiros; SUPERSTIÇÕES: elas fazem parte do nosso folclore e cada uma tem seu significado; QUE VENHA A SORTE: os amuletos e talismãs da credence popular para atrair a sorte; TRADIÇÕES VIVAS: o folclore do sul e do Sudeste tenta manter-se vivo.

- MARTINS, M. A. **Primeira lição: uma cartilha metafísica**. 4 ed. São Paulo: Centro de Estudos Vida e Consciência Editora Ltda, 2005. 110p.

Esta cartilha, usada como referencial teórico no capítulo 3, é um material muito importante no contexto de nossa proposta, pois ela apresenta um novo B A BA da vida, uma nova maneira de enxergarmos o mundo, os outros e a nós mesmos pelos critérios da Física Quântica.

- QUEIRÓS, B. C. **Minerações**. 3 ed. Belo Horizonte: RHJ, 1991. 24p.

“Há que se vicejar como fazem as florestas. Unir-se em copas para aniversariar com sombra o esforço das raízes suportando tronco, galho, fruto e flor, que tudo abraçam desinteressadamente. Como as árvores há que se receber a gota do orvalho sem se molhar, preservando o extrato da noite”. (Bartolomeu Campos Queirós)

Um livro-poema onde o autor decompõe e recompõe ritmos, imagens e sons, para criar uma nova música verbal, uma nova poesia para a qual os elementos naturais são matéria-prima indispensável.

- JOLY, L., THULER, F., FRANCO, P. **Chaves: foi sem querer querendo?** Histórias e curiosidades de um dos programas de maior sucesso na TV do Brasil. 4 ed. São Paulo: Matrix, 2005. 157p.

Roberto Gómez Bolanõs é criador e criatura de um estilo que sobrevive aos tempos modernos. No início dos anos 1970, no México, foram ao ar os programas “Chavo del Ocho” e “El Chapulín Colorado” que, em pouco tempo, tornaram-se uma febre no país e me seus vizinhos, até desembarcarem no Brasil, em 1981. O que explica o grande interesse por estes programas? Por que tiveram que lutar tanto por um lugar no ibope brasileiro? O livro fala de tudo isso. Nossa intenção em indicá-lo é não deixar morrer entre os professores essa forma de trabalhar histórias infantis que se relacionam com a vida real por meio dos personagens. Em cada episódio são trabalhados valores como: a amizade, o respeito, a simplicidade, etc.

- MELO, F. **Tempo: saudades e esquecimentos:** o cotidiano como lugar de revelação. São Paulo: Paulinas, 2003. 126p.

“Naquele tempo, as crianças não tinham insônia, porque o cansaço das brincadeiras as levava cedo para a cama. Naquele tempo, as pessoas podiam se entristecer sem o perigo de serem diagnosticadas como deprimidas. Era possível ficar triste sem culpa, sem ansiedade e sem a pressa do medicamento que a fizesse alegre de novo”.
(Fábio de Melo)

É com esta forma simples de ver a vida, que Fábio de Melo nos convida a lançar os olhos sobre o cotidiano tendo como referência costumes e valores do passado. Com sua narração fortemente marcada pela poesia, ele nos conta histórias de todos nós por meio da história de outros tempos.

- CURY, A. **12 semanas para mudar uma vida**. Colina: Editora Academia de Inteligência, 2004. 248p.

“Quando essas fantásticas sementes crescerem, surgirá a mais bela floresta. A consequência? Nunca faltará madeira para se aquecer... Você não será mais o mesmo e nem a sociedade. Faça diferença no mundo. Participe desse sonho”. (Augusto Cury)

Com essas palavras, o autor convida a todos a participarem deste programa que oferece ferramentas psicológicas para educar a emoção.

CD's:

Podem ser trabalhados os CD's do **Grupo Trem das Gerais** e do **Grupo Em Cantar**, ambos de Araguari. Também indicamos CD's de compositores como Dércio Marques, Saulo Laranjeira, Almir Sater, Luiz Perequê, Luiz Salgado, Vital Farias, Doroty Marques, Hilton Acioli, Thiaga, Pena Branca, Talles Lopes, Grupo Tabinha, Ênio Bernardes e Cleuza Bernardes, dentre outros, os quais trabalham com músicas de raiz.

Ressaltamos ainda:

- **O Jardim dos Animais**, de Paulo Ro e Ronald Claver. O CD fala de um “ilógico jardim” onde os animais são retratados com poesia e música, não por suas utilidades ou capacidade de divertir o ser humano, mas por suas especificidades naturais.
- **Sou um Zé da Silva e outros tantos**, de Fábio de Melo. O CD é uma coletânea de músicas sertanejas de raiz como, por exemplo, Disparada, Poeira Vermelha, Romaria, Mágoa de Boiadeiro, Filho Adotivo, Caminheiro, etc.
- **O Gigante da Floresta**, de Hélio Ziskind. Carangola é uma cidade no interior do Brasil. Foi lá que nasceu e viveu por 1500 anos a árvore desta história, um jequitibá, o gigante da floresta.

- **Arca de Noé**, de Vinícius de Moraes. Em duas edições, o CD traz canções a respeito de algumas espécies animais com uma linguagem poética e teatral.

SITES:

- www.artecultura.pro.br
- www.littleanimation4kids.com
- www.akatu.org.br

MÚSICAS:

Bicho Do Mato (Amanda Rizzo Cicolo)

Olha que eu sou bicho do mato. Trago na alma um segredo e um gosto de fato.
Pela natureza livre, sadia e sonora. Pela fonte cristalina que ri e que chora.

Olha que eu sou bicho do mato. Não entendo de futuro nem lembro o passado.
Mas sei que agora é viver e com muito cuidado
Pois a ribeirinha “güenta” só mais um bocado.

Oh, oh, oh, sou bicho do mato, sou bicho do mato, sou bicho do mato

Olha que eu sou bicho do mato. Sou floresta, grama e vale e não me divido.
Apesar de velho assunto e muito rezado.
Mas é só pra te lembrar que corremos perigo.

Quero ver mais bichos do mato. Quase grito nesse alerta pros bichos do asfalto.
Tão cativos do progresso cegos e absurdos
Ricos, esmagados, meros viajantes surdos

Oh, oh, oh, sou bicho do mato, sou bicho do mato, sou bicho do mato

Casa de Taipa (Saulo Laranjeira/Lúcio Barbosa)

Casa de taipa ripa e cumieira feita de madeira
Morada do Zé das contas que vive lá nos cafundó
Que “trabaia” no roçado e só faz questão de ser
Honrado em vão, espera tempo “mio”

Casa de taipa ripa e cumieira feita de madeira
 Morada do Zé das contas que vive lá nos cafundó
 Que “trabaia” no roçado e é o maior amigo do “mane”
 E a noite dança forró

O Zé fez uma promessa mas nem esperou vingar
 Pôs roupa e sapato novo e foi pra igreja pagar
 Deu um cabrito pra santa e pôs uma rosa no altar
 E voltou pro seu roçado com muita fê pra esperar
 Não sei se um ano ou uma vida, só sei que o tempo passou
 Zé ficou sem o cabrito e viu que rosa murchou
 Mas sabe que Deus é bom pois nem tudo lhe negou
 Zé só não sabe porque a santa não lhe escutou
 Promessa e promessa vai, promessa e promessa vem
 É o Zé falando com o vento pensando que a chuva vem
 Promessa e promessa vai, promessa e promessa vem
 É o Zé pedindo fartura pras terras não sei de quem

Herdeiros do futuro (Toquinho)

A vida é uma grande amiga da gente
 Nos dá tudo de graça pra viver: som e céu, rios e fontes, terra e mar

Somos os herdeiros do futuro
 E pra esse futuro ser feliz vamos ter que cuidar bem desse país

Será que no futuro haverá flores? Será que os peixes vão estar no mar?
 Será que os arco-íris terão cores? E os passarinhos vão poder voar?
 Será que a terra vai seguir nos dando o fruto, a folha, o caule e a raiz?
 Será que a vida acaba encontrando um jeito bom da gente ser feliz?

Vamos ter que cuidar bem desse país

Luz viva (Flávio Venturini)

Força do desejo, que vence a ilusão

Esperança que transforma a escuridão
 Em luz viva

Expressão do amor que conduz à mutação
 A vontade que liberta o coração do medo e da dor

Chama divina que dá, à luz humana o dom de curar
 Claro mistério do ser, todos os dias a renascer

Querer é poder, e tornar todo milagre natural,
 É dom nosso

Deus é aqui, muito além de todo mal, de todo bem

É a luz viva em nós

O sonho libertador, mudando a vida do sonhador

Para a certeza de amar, eternamente a se renovar

Meu mundo (Thiaga)

Amarelou de manhã lá na rocinha, quando o sol chegou lá no meu quintal
 Galo cantou sua canção de manhãzinha, tirando da cama todo o pessoal
 Café quente na cozinha, fôgão de lenha a esquentar
 Broa de milho e pão de queijo, depois sair pra trabalhar

Joga a enxada e a semente na rocinha, terra boa quando chove, tudo faz brotar
 Nesse sossego eu vou levando essa vidinha e o resto do mundo está pra estourar

O meu mundo é pequeno, mas é grande o meu amor
 Tenho tudo o que quero, sou feliz e cantador.

Triste berrante (Adauto Santos)

Já vai bem longe este tempo, bem sei
 Tão longe que até penso que eu sonhei.
 Que lindo quando a gente ouvia distante
 O som daquele triste berrante e um boiadeiro a gritar: êia!
 E eu ficava ali na beira da estrada
 Vendo caminhar a boiada até o último boi passar.

E ali passava boi, passava boiada
 Tinha uma palmeira na beira da estrada
 Onde foi gravado muito coração

Mas sempre foi assim e sempre será
 O novo vem e o velho tem que parar
 O progresso cobriu a poeira da estrada
 E esse tudo que é o meu nada
 Eu hoje tenho que acatar e chorar
 Mas mesmo vendo gente, carros passando
 Meus olhos estão enxergando uma boiada a passar.

Orelha de pau (Luis Perequê)

Você já andou pelo mato, pisou em espinho, pegou carrapato?
 Errou de caminho? Não? Então vá...
 Porque a minha cantiga te espera por lá.
 E tem tanta coisa pra gente aprender!
 Que falando assim parece brincadeira...
 Mas quando sonhamos as flores do alto, sem querer pisamos

Nas flores rasteiras.
 Igualzinho na vida...
 Esta flor preferida de toda canção.
 Mata virgem florida no meu coração.

Uma só será a mesa (Renato Parmagnani/Eduardo Milken)

Quando os pés o chão tocarem, para a dança começar
 Quando as mãos se entrelaçarem, vida nova há de brotar

Toma, oh, Pai, o amor perfeito pelo rio, a mata, a flor
 Que o índio traz no peito, é louvor ao Criador

Uma só será a mesa
 Terra mãe será o altar
 O sustento, a natureza
 Em milagres vai nos dar

Eis aqui, Senhor, as dores deste Cristo, povo irmão
 Sejam hinos seus clamores, na defesa de seu chão

Nova terra nós sonhamos, onde todos têm lugar
 Os direitos nós buscamos, vida, pão, respeito, lar

Povos todos, Terra inteira, te pertencem, oh, Senhor
 Que os males e as fronteiras, dêem lugar ao pleno amor

POEMA:

A flor do maracujá (Catulo da Paixão Cearense)

Encontrando-me com um sertanejo perto de um pé de maracujá, eu lhe perguntei:
 Diga-me caro sertanejo, por que razão nasce roxa a flor do maracujá?
 Ah, pois então eu lhe conto a história que ouvi contar
 A razão porque nasce roxa a flor do maracujá.
 Maracujá já foi branco eu posso até lhe jurar
 Mais branco que caridade, mis branco do que o luar.
 Quando a flor brotava nele lá pros confins do sertão
 Maracujá parecia um ninho de algodão.
 Mas um dia, há muito tempo, num mês que até não me lembro
 Se foi maio, se foi junho, se foi janeiro ou dezembro.
 Nosso Senhor Jesus Cristo foi condenado a morrer
 Numa cruz crucificado longe daqui como o quê.
 Pregaram Cristo a martelo e ao ver tamanha crueza
 A natureza inteirinha pôs-se a chorar de tristeza.

Chorava os campos, as folhas, as ribeiras
Sabiá também chorava nos galhos da laranjeira.
E havia junto da cruz um pé de maracujá
Carregadinho de flor aos pés de nosso Senhor.
E o sangue de Jesus Cristo, sangue pisado de dor
Nos pés do maracujá tingia todas as flor.
Eis aqui seu moço a história que eu vim contar
A razão porque nasce roxa a flor do maracujá.